

# **UM ESTUDO DE CASO SOBRE AS MUDANÇAS NA PRÁTICA ALFABETIZADORA DE UMA ALUNA-PROFESSORA APÓS O INGRESSO NO PEAD/UFRGS**

**Simone Ribeiro Rocha<sup>(1)</sup>, Nádie Christina Machado-Spence<sup>(2)</sup>**

(1) Aluna do Curso de Especialização em Educação a Distância da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil - e-mail: simonerochagarcia@gmail.com

(2) Orientadora, Faculdade de Educação- Faculdade de Educação- Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, e-mail: nadiechristina@gmail.com

## **RESUMO**

O estudo focalizou a formação docente em processo, de uma aluna-professora do curso de Pedagogia na modalidade a distância da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PEAD). Foi realizada uma investigação de cunho qualitativo, cujo objetivo era verificar mudanças na prática pedagógica da alfabetizadora, a partir do ingresso no PEAD. Para tanto foram realizadas várias entrevistas e observações, sendo os dados analisados com base em duas categorias: 1) como a professora-aluna trabalhava antes do PEAD; e, 2) como a professora-aluna está trabalhando, atualmente. Entre as considerações mais relevantes, desta pesquisa, destacamos a oportunidade de mostrar que a fundamentação teórica aplicada em serviço pode promover mudanças nas concepções de alfabetização.

**Palavras-chave:** Métodos de Alfabetização. Prática Pedagógica. Formação Continuada. PEAD.

---

(1)

(2)

## INTRODUÇÃO

O interesse pela contribuição do Curso de Graduação Licenciatura em Pedagogia na modalidade a distância (PEAD) na prática pedagógica das alunas surge a partir do processo de formação continuada a que se propõe o curso.

A questão principal que possibilitou pensar sobre esta investigação foi considerar de fundamental importância para a prática docente, a formação em serviço de professores em exercício o que resultou numa prática docente mais fundamentada e contextualizada

Nesta investigação, analisou-se a prática pedagógica de uma aluna, em especial, para verificar até que ponto o PEAD interfere no seu fazer pedagógico numa classe de alfabetização. Para isso fez-se uma investigação através de entrevistas com uma aluna alfabetizadora (três momentos de entrevista), observações na sala de aula e análise dos documentos envolvidos no processo como cadernos de chamada e diários de classe.

Para a investigação foram feitas questões referentes à concepção de aprendizagem, envolvendo planejamento, instrumentos, procedimentos como intervenção, mediação, métodos de alfabetização.

A aluna, sujeito desta pesquisa é alfabetizadora há mais de 10 anos e trabalha na rede pública estadual do Rio Grande do Sul. A aceitação da aluna parte do interesse da mesma em demonstrar seu crescimento profissional e pessoal com o ingresso no PEAD e por achar relevante o assunto da pesquisa e, desde o início, colocou-se à disposição para fornecer os dados necessários.

Esta pesquisa apoia-se em um paradigma qualitativo, sendo o estudo de caso o método escolhido para se obter respostas à questão de pesquisa:

\_Que mudanças a formação continuada do PEAD contribuiu para ressignificar a prática alfabetizadora de uma aluna-professora?

Os dados da pesquisa foram analisados com base em duas categorias: 1ª categoria - Como a aluna-professora trabalhava a alfabetização antes do PEAD 2ª categoria - Como a aluna-professora está trabalhando, atualmente, a alfabetização.

Os dados aqui apresentados promovem discussões e abrem para futuros questionamentos a respeito da atualização e ampliação dos saberes que fundamentam as

práticas de alfabetização em relação aos saberes e experiências de vida e trabalho das professoras-alunas.

## **CONTEXTUALIZAÇÃO DO PEAD**

O curso de Licenciatura em Pedagogia, na modalidade a distância, da UFRGS se propõe a graduar professores que estão em pleno exercício docente nas séries iniciais ou setores a fins. Mesmo sendo a distância compreende, também, momentos presenciais com o objetivo de articular estratégias, sanar dúvidas, enfim, promover momentos de contato direto entre coordenadores do curso, professores, tutores e alunos. Tais encontros acontecem obrigatoriamente no início e fim de cada semestre, num mesmo dia da semana agendado pelo grupo e ao longo do semestre conforme as necessidades de cada interdisciplina.

Para tanto, a Universidade Federal do Rio Grande do Sul, através do PEAD, procurou dar sua contribuição para sanar a carência de profissionais graduados atuando na educação básica, pois esta licenciatura em Pedagogia foi especialmente criada por um consórcio entre a Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (FACED/UFRGS) e o Centro de Ciências da Educação da Universidade Federal de Santa Catarina (CCE/AFSC) para graduar 400 professores que já estavam exercendo a docência nas séries iniciais do Ensino Fundamental, de escolas públicas estaduais e municipais do Estado do Rio Grande do Sul. (CARVALHO *et al* 2006)

É previsto em lei que cada município promova a capacitação dos seus professores, pois todos os profissionais da educação da rede devem estar aptos ao final da década da Educação, ou seja, em 2010, exatamente quando termina o curso.

Esta graduação deverá capacitar o/a pedagogo/a, simultaneamente, conforme as novas Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Pedagogia, nas áreas de Docência em Educação Infantil e Anos Iniciais do Ensino Fundamental; Docência em Educação de Jovens e Adultos (EJA); Gestão Escolar; Docência nas matérias pedagógicas na Modalidade Normal; Docência em Cursos de Educação Profissional para a área de Serviços e Apoio Escolar.

Para a definição da área física de abrangência do curso, foi considerada a localização

de escolas que acolhessem os polos com a infra-estrutura necessária, em geral mantida pelas Secretarias Municipais de Educação. (Carvalho *et al* 2006,).

A concepção de polos deu-se com o objetivo de agrupar municípios vizinhos com base nas boas possibilidades de atendimento. Já, a instalação de tais espaços, ficou a cargo do interesse das Prefeituras. Foram criados para dar suporte a esse curso cinco polos, nas cidades de Três Cachoeiras, Alvorada, São Leopoldo, Gravataí e Sapiranga. Tais espaços abrangem uma área física que coloca à disposição dos alunos, tutores e professores, recursos físicos, tecnológicos e acervo bibliográfico necessários ao desenvolvimento do curso.

Nessa perspectiva, o Projeto Pedagógico do PEAD tem como Princípio Norteador do Curso formar professores que reflitam com e sobre a prática pedagógica, para isso é fundamental que a cursista esteja na regência de sala de aula ou envolvida com as questões escolares (setores). A prática pedagógica torna-se o elemento central desde o início, pois abrange experiências integradas na sala de aula, ou seja, no cotidiano escolar. A relação teoria-prática embasa a ação pedagógica, transformando os conhecimentos científicos, teóricos em práticas pedagógicas ressignificadas, com o objetivo de alcançar a interdisciplinaridade ou mesmo a transdisciplinaridade.

O Projeto Político Pedagógico do Curso se organiza em função de três pressupostos básicos:

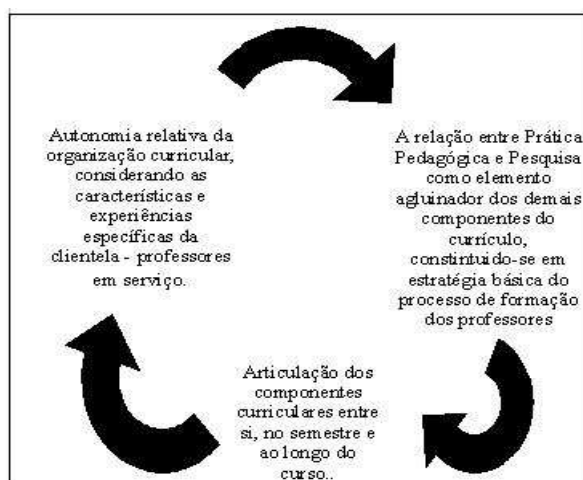


Figura 1- Pressupostos básicos

Fonte: Carvalho *et al*, 2006, p.19

Este movimento prioriza a recriação do fazer pedagógico embasado na reflexão permanente.

A dinâmica do PEAD mostra o movimento do curso ao articular os componentes curriculares de forma interdisciplinar. Há uma autonomia na organização dos currículos, levando-se em conta as práticas das professoras- alunas. A pesquisa está presente nas atividades, propiciando uma busca por informações e a construção de conhecimento no lugar da transmissão de conteúdos. (ZIEDE, 2008, p. 64).

Até este ponto descrevemos o contexto onde se constitui a pesquisa. No próximo item buscamos apresentar o que é esperado como prática pedagógica no curso, para dar o tom daquilo que efetivamente encontramos na dinâmica do PEAD.

## **A PROPOSTA INTERDISCIPLINAR QUE ENFOCAM, DIRETAMENTE, A ALFABETIZAÇÃO**

O PEAD aposta no desenvolvimento de capacidades que permitam aos educadores, tomar decisões e refletir sobre suas concepções e práticas pedagógicas, em especial nas interdisciplinas que focam a alfabetização, a partir da implantação de metodologias alternativas, da dinâmica que envolve a sala de aula e análise do processo de aprendizagem, com o propósito de beneficiar o aprendiz.

As interdisciplinas de Fundamentos da Alfabetização e Linguagem e Educação, desenvolvidas no eixo dois e eixo sete, respectivamente, focalizaram a alfabetização:

Com o objetivo de examinar os conceitos de alfabetização e letramento enquanto produções culturais, analisar diversos eventos, práticas e contextos de alfabetização bem como planejar atividades e intervenções didático-pedagógicas coerentes com as leituras e discussões realizadas (Plano de Ensino, 2009/2)

A descrição discursiva que resume o conteúdo conceitual da disciplina Fundamentos da Alfabetização consiste na "abordagem sociocultural e pedagógica do letramento e da alfabetização", enquanto que a da disciplina de Linguagem e Educação consiste nas "teorias de aquisição da linguagem oral e escrita. Desenvolvimento da linguagem, no enfoque

investigativo e pedagógico”, (pead-informações, 2006) ambas se propondo a desenvolver aspectos teórico-práticos referentes ao processo de alfabetização.

## **A PRÁTICA PEDAGÓGICA E O PEAD**

Quando se fala em processo, o *antes* e o *depois* não podem ser iguais. Entre um *antes* e um *depois*, pressupõe-se um espaço de tempo intermediário permeado por trocas e reflexões que possibilitam mudanças e, por acreditar nessas possíveis mudanças na prática alfabetizadora da aluna-professora, a partir do ingresso no PEAD, lancei mão da estratégia de pesquisa qualitativa- Estudo de caso- para registrar tais mudanças.

O uso de Estudo de Casos em pesquisa tem sido apresentado de várias formas. Para Yin (1990) "O estudo de casos é uma forma de ser fazer pesquisa social empírica ao investigar-se um fenômeno atual dentro de seu contexto de vida-real, onde as fronteiras entre o fenômeno e o contexto não são claramente definidas e na situação em que múltiplas fontes de evidências são usadas." (CAMPOMAR, 89, p.96)

Trata-se de um Estudo de Caso de uma aluna-professora do Curso de Pedagogia, modalidade a distância da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Polo de Sapiranga, que ingressou em agosto de 2006. Para tanto, foram realizadas entrevistas baseadas no Método Clínico Experimental de Jean Piaget; três observações *in loco* de suas aulas e suas postagens no ROODA, que se configura como espaço oficial do curso e onde acontece o acompanhamento da maioria das atividades, bem como nos wikis e blogs e MSN que também são utilizados como ferramenta de comunicação e espaços de registro de aprendizagem.

## **ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE O MÉTODO CLÍNICO DE JEAN PIAGET**

O Método Clínico consiste num procedimento de entrevistas, com coleta e análise de dados, onde a intervenção está presente em todo o momento da entrevista; o entrevistador refaz os questionamentos que julga necessários para responder à questão em pauta, a partir das respostas do entrevistado. É avaliada a qualidade e a abrangência dessas respostas Também avalia a segurança que este apresenta nas suas respostas diante de contra-

argumentações do pesquisador. Caracteriza-se pela flexibilidade, pois não existe uma sequência definida de perguntas e o entrevistador pode modificar as questões, se achar conveniente, com a intenção de interagir de forma mais harmônica com o entrevistado, pois as respostas é que ditarão o ritmo e o rumo da entrevista. A necessidade de entender, de compreender a sequência do pensamento infantil, fez com que Piaget criasse um método de conversação.

Piaget iniciou então um método de conversar com as crianças para tentar aprender a sequência dos seus pensamentos. Ao invés de contabilizar o número de respostas pré-determinadas como corretas, sistema comum dos testes já existentes, Piaget fixou-se na análise das justificativas que as crianças davam ao responder suas indagações, iniciando assim o seu método clínico, que passou por várias etapas até chegar a sua forma final. Este método consiste num diálogo com a criança, de forma sistemática, de acordo com o que ela vai respondendo ou fazendo. Em certas situações, cumpre uma tarefa, em outras explica algum fenômeno. (BAMPI, 2006).

A possibilidade de investigação sobre o nível de conhecimento do entrevistado é uma das características do Método Clínico Experimental de Jean Piaget que contribui para encontrarmos respostas à nossa questão de pesquisa. Justificando, portanto, a escolha.

## **CONCEPÇÕES PEDAGÓGICAS DA ESCOLA**

Considero de suma importância analisar a proposta metodológica da escola em que a aluna- professora atua, para conhecer as concepções a cerca de como se dá o processo ensino e aprendizagem. O Projeto Político Pedagógico deve ser o documento norteador de todo o processo. Este documento implica, entre outros aspectos, a reflexão sobre a concepção de educação, de escola, de homem/mulher a ser formado, de sociedade, de cidadania, de conhecimento, mas em especial, na definição dos pressupostos didático-metodológicos que orientam a sua prática como professora, em especial, a concepção de alfabetização.

Dentro dessa concepção de documento normativo e orientador, o PPP da escola tem definida sua metodologia que deverá servir de base para todo o trabalho docente, sendo este amplamente conhecido e diluído nos planos de trabalhos.

A Escola concebe a metodologia como mediadora entre o conhecimento elaborado, as vivências do aluno e o contexto social. Partindo da análise da realidade, educando e educador realizam um trabalho crítico, criativo, que responda aos desafios do cotidiano escolar e do contexto sócio-histórico em que vivem. Procura utilizar-se de métodos de ensino que atendam às diferentes necessidades educativas de todos os

alunos no processo ensino-aprendizagem, de modo que os conhecimentos construídos sejam significativos e possibilitem uma transformação crítica e ética. (PPP, 2008)

Percebe-se certa falta de clareza conceitual em relação à prática pedagógica proposta como sendo mediadora da aprendizagem. Nesse contexto, o fazer pedagógico que dá conta desta mediação, deste caminho para promoção da aprendizagem conforme o PPP se materializa através de métodos de ensino. Quando se fala em métodos de ensino, pressupõe-se que alguém ensina e que alguém aprende. Seguindo este paradigma, considera-se o conhecimento como algo externo ao aprendiz. e, portanto cabe ao professor apresentar ao aluno. O professor é o construtor desse ensino. Na contra mão dessa perspectiva, segundo CARVALHO *et al* (2006), o papel do professor, no que concerne a sua função, é o de problematizador e orientador dos processos de aprendizagem.

A aluna-professora, enquanto professora, tem uma linha de atuação embasada no projeto pedagógico da escola em que trabalha voltado para métodos de ensino e enquanto aluna do PEAD, segundo as autoras, é estimulada a desenvolver uma prática reflexiva, observando os avanços e as limitações de suas ideias, proposições e ações com o objetivo de qualificar o trabalho de ser professor.

Portanto, há um cenário propício para a reflexão entre dois tipos de prática vivenciada pela aluna-professora: uma de como se aprende (aluna do PEAD) e como se media a aprendizagem (regente de classe de alfabetização). A vinculação entre teoria e prática e prática/aluna e prática/professora será um campo fértil para atribuir novos significados aos papéis do professor.

## **ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS**

Acreditando que o ingresso da aluna no curso promoveu mudanças na sua prática e partindo da questão: Que mudanças a formação continuada do PEAD contribuiu para ressignificar a prática alfabetizadora de uma aluna-professora?

Diferentes teorias de aprendizagem se propõem a explicar a aprendizagem infantil,



seja por associação (estímulo-resposta), pela ação do sujeito sobre o objeto do conhecimento (construtivismo) ou pela interação do aprendiz com o objeto do conhecimento intermediado por outros sujeitos (sociointeracionismo). Essas teorias fundamentam ou condenam os métodos e técnicas de alfabetização.

Existem vários métodos para alfabetizar. Os mais utilizados são os sintéticos e os analíticos.

Os métodos predominantemente sintéticos faz com que o alunos combine elementos isolados da língua, como sons, letras e sílabas. Quando combina-se sons, fala-se sobre métodos fonéticos: o alunos aprendem o som das letras para depois juntar e formar a palavra; ao combinar letras, utiliza-se o método alfabético ou soletrativo: parte do estudo de letras (maiúsculas, minúsculas, manuscrita, etc), respeita a ordem alfabética e combina as letras entre si para formar a sílaba ou palavra; quando parte-se de sílabas, o aluno aprende primeiro as sílabas para depois combiná-las entre si para formar novas palavras e formar o texto. Essa prática fundamenta-se nos métodos sintéticos que:

Insiste, fundamentalmente, na correspondência entre o oral e o escrito, entre o som e a grafia. Outro ponto chave para esse método é estabelecer a correspondência a partir dos elementos mínimos, num processo que consiste em ir das partes ao todo. Os elementos mínimos da escrita são as letras. (FERREIRO e TEBEROSKY, 1999, p.21).

Para dar conta desta forma de trabalho, as cartilhas se tornaram um suporte indispensável no desenvolvimento do trabalho de alfabetização.

Os métodos analíticos partem do todo para as partes. Os métodos que dão conta desta característica são : palavração, sentencição, global ou natural. O método que se utiliza da palavração tem como aliada a memória visual., depois de memorizadas algumas palavras, o aluno tem condições de dividi-las em sílabas e formar novas palavras; o método de sentencição, como o próprio nome diz, parte de uma sentença, depois é dividida em palavras e sílabas; já o método global ou natural utiliza-se de uma história, com início, meio e fim e faz relação entre as frases para chegas às palavras e sílabas.

Para analisar a prática alfabetizadora da aluna-professora, iremos partir de métodos de alfabetização, descritos anteriormente, e assim tentar mapear as mudanças ocorridas no contexto Para melhor clareza nos resultados, bem como manter uma sequência temporal dos

acontecimentos, os dados foram analisados conforme duas categorias: a primeira preocupa-se em registrar a prática da alfabetizadora, cuja formação inicial era em nível de Magistério e se materializa na seguinte categoria: como a aluna-professora trabalhava a alfabetização antes do PEAD; a segunda destaca a prática docente, com vistas à registrar possíveis modificações e se configura na seguinte maneira: como a aluna-professora está trabalhando, atualmente, a alfabetização.

### **1ª CATEGORIA :**

#### **Como a aluna-professora trabalhava a alfabetização antes do PEAD:**

Quando questionada sobre a forma como iniciava a alfabetização, a aluna-professora informou que:

Iniciava mostrando o alfabeto; começava trabalhando com as vogais e depois as consoantes. Seguia a ordem alfabética, uma letra por vez, depois trabalhava as sílabas, palavras e frases. Seguia à risca a divisão das letras por bimestres, eram letras programadas conforme os conteúdos mínimos. (entrevista dia 25/09/2009).

Pode-se perceber que a concepção de alfabetização da aluna-professora estava voltada para o método tradicional de ensino da leitura e da escrita. Iniciava a alfabetização pelas vogais para depois passar para as consoantes, seguindo a sequência alfabética. Partia de unidades menores para as maiores, fazendo a relação entre o som e a grafia. Essa prática fundamenta-se no método sintético, acima descrito resumidamente.

Tomava como objeto da aprendizagem inicial da língua escrita os sistemas alfabéticos e ortográficos. Deixa clara a relação entre fonema e grafema. Embora essa relação seja indispensável ao desenvolvimento das habilidades de ler e escrever, a aluna-professora não tinha a preocupação de envolver a apropriação da escrita (fonema-grafema) com o uso destas em experiências reais de leitura e escrita. Tal ideia se sustenta na afirmação da aluna-professora quando questionada a respeito do tipo de material que utilizava para alfabetizar: "Eu utilizava cartilha, folhas mimeografadas com exercícios, jornais e revistas, mas só com o objetivo de identificar as sílabas e palavras que estava trabalhando no momento" (entrevista dia 26/10/2009), e no conceito de alfabetização postado pela aluna numa das atividades da interdisciplina de Fundamentos da Alfabetização: "Alfabetização é levar a criança ou qualquer

pessoa a decodificar os símbolos gráficos e associá-los ao som construindo o processo de leitura onde ele entende o que lê e escreve."(webfólio- Atividade 4 da interdisciplina de Fundamentos da Alfabetização).

Nota-se que a prática de sala de aula era única e exclusivamente voltada para a alfabetização, para a decodificação, fato este comprovado no desabafo aluna-professora ao de ter perdido oportunidades preciosas para desenvolver atividades lúdicas e desafiadoras

Lendo o capítulo 5 de Gosturas e bobices percebi que conhecia algumas das poesias e até já trabalhei algumas delas, porém sempre com fins de alfabetização propriamente dito, sem explorar seu contexto dando ênfase apenas ao conhecimento das letras. Hoje reconheço que por falta de conhecimento perdi inúmeras oportunidades de trabalhar poesias no sentido mais lúdico. (Portfólio de aprendizagem, 23/10/2007).

Coerente com sua concepção de alfabetização, seu planejamento era engessado, pois seguia o plano de curso<sup>1</sup> que, por sua vez, coerente com a concepção de currículo, "como aquilo que está escrito no papel que tem a pretensão de formar sujeito em consonância direta com o que está proposto" (FERRAÇO, 2006), Ela tinha consciência que o tempo de seus alunos era diferente do tempo de seu planejamento, porque quando questionada a respeito de como planejava ou se poderia ser diferente o planejamento, ela diz que:

As crianças têm necessidades de avançar, quando eu trabalhava somente o alfabeto, tinha crianças que iam além do que estava sendo estudado. Como tinham vários alunos que ainda não liam, eu não avançava com aqueles que estavam lendo, foi aí que eu percebi que estava os prejudicando" (entrevista dia 26/10/2009).

Mesmo percebendo que alguns alunos iam além das letras trabalhadas, ela não avançava com estes, mantendo-os todos num mesmo nível de trabalho. A aplicação deste método dava segurança à prática da aluna-professora. Esta prática fundamenta-se na ideia de que a alfabetização consiste somente em decodificar códigos, em transmitir inúmeras vezes a informação (relação letra/grafia/fonema, por exemplo) até que ela se transformasse em conhecimento. Ausubel define este tipo de conhecimento como:

Aprendizagem mecânica, como sendo a aprendizagem de novas informações com pouco ou nenhuma associação como conceitos relevantes existentes na estrutura cognitiva. Nesse caso, a nova informação é armazenada de maneira arbitrária. Não há interação entre a nova informação e aquela já armazenada. O conhecimento assim

---

<sup>1</sup> Plano de Curso - Planejamento anual, por série contendo conteúdo, metodologia, recursos e avaliação. Atualmente substituídos por Planos de Estudos.

adquirido fica arbitrariamente distribuído na estrutura cognitiva sem ligar-se a conceitos sub sensores específicos. (1982, p.9)

A aprendizagem de pares de sílabas, sem sentido é um exemplo típico de aprendizagem mecânica.

## **2ª CATEGORIA**

### **Como a aluna-professora está trabalhando, atualmente, a alfabetização.**

As mudanças na prática pedagógica da aluna-professora são sentidas a partir dos depoimentos, da postura diferenciada da mesma ao falar e agir em alfabetização. Ao ser questionada a respeito de sua prática hoje, em alfabetização, ela informa que:

“eu mudei minha forma de dar aula, hoje eu sei da importância de fazer com que os alunos construam os seus conhecimentos a partir do que eles já sabem, do nível em que se encontram, o aluno constrói o conhecimento a partir do momento em que ele entende o que está fazendo e como está fazendo, percebe quando erra e volta a fazer novamente procurando novas alternativas.” (entrevista dia 25/10/2009).

A aluna-professora demonstra certa preocupação em respeitar os níveis psicogenéticos diferenciados na aquisição da língua escrita, respeitando as hipóteses do aluno na construção do conhecimento e intervindo em sua evolução conforme os registros sobre a forma de intervir nesse processo:

Eu incentivo os alunos a ler o que tá escrito, a fazer suposições, relatos orais. Uso diversas maneiras para que eles descubram o que está escrito. Quando eles não conseguem chegar a uma conclusão, eu interfiro. ( entrevista 25/10/2009). Percebi que muitas vezes o professor pode prejudicar o aluno com respostas prontas, não oferecendo oportunidade para que ele se expresse livremente. O professor deve estimular o seu aluno para a construção e não para cópias. Em minha sala de aula trabalho com questionamentos orais e exposição de trabalhos, grupos e projetos que levam os meus alunos a construir seus conhecimentos e trocar ideias com os colegas e a professora. Sempre buscando em cada atividade elogiar o erro não como algo feio, mas como o caminho para a aprendizagem. (Portfólio de aprendizagens/ Didática, Planejamento e Avaliação, 26/06/09).

A observação in loco da rotina de sala de aula e a análise do diário das atividades confirmam a informação de que não há uma continuidade de assuntos interligados, embora ela leve em consideração o movimento da turma, não há um planejamento anterior, com

atividades que envolvam um determinado assunto. Esta afirmação se configura a partir dos registros das observações em que as atividades eram desenvolvidas partindo de um assunto elencado pela professora; daí, seguia o desenvolvimento da aula planejada com a distribuição de folhas mimeografadas ou temas passados no quadro. Ao verificar os cadernos dos alunos ou mesmo o diário de classe da professora, a aula anterior não se configurava como suporte para a aula em questão. Neste primeiro dia de observação, os alunos produziram um texto a partir da sequência lógica de imagens, que por sua vez não tratavam de um assunto ou conteúdo específico. Notou-se que a atividade foi desenvolvida com o objetivo de trabalhar a produção de texto somente, sem que esta fosse âncora para um assunto determinado.

Durante a segunda visita, a professora interrompeu sua aula para distribuir bilhetes aos alunos, endereçados aos seus pais, onde a direção da escola informava a respeito da futura eleição de diretores. Nesta oportunidade, a professora leu o texto informativo e respondeu aos questionamentos de um aluno a respeito de expressões desconhecidas como "afixado" e "urna", etc. Logo após, a professora dirigiu-se a mim e fez o seguinte comentário: " Eu não estou dando aula sobre isso, mas agora eu vou dar". Então, deixou de desenvolver o que havia planejado para aquele momento que eram atividades relacionadas à Semana Farroupilha e seguiu trabalhando o assunto eleição de diretor. Mas, poucas crianças demonstraram interesse pelo que estava escrito no bilhete, mesmo assim a professora construiu um texto coletivo a respeito. Esta atitude evidencia a falta de um planejamento anterior e ratifica sua fala no que se refere a seguir o "interesse da turma", neste caso, em detrimento ao que foi anteriormente planejado. Tal afirmação, baseia-se na resposta da aluna-professora quando questionada a respeito de planejamento:

Planejo a partir da experiência, vendo o que falta pra eles aprende, o que ainda estão precisando. planejo vários materiais com antecedência, mas sigo o interesse da turma, aquilo que eu sinto que eles querem aprender, através do diálogo, das perguntas que eles fazem e muitas vezes não utilizo o material planejado anteriormente. Eu não tenho uma continuidade de um assunto específico. ( entrevista dia 25/10/2009)

Com esta confirmação da forma como a aluna-professora procede, encerramos nossa análise dessa perspectiva e procuraremos, na sequência, avançar na busca de mudanças nas práticas alfabetizadoras do sujeito dessa pesquisa

## **REGISTROS DO PROCESSO DE MUDANÇA DA CONCEPÇÃO DE ALFABETIZAÇÃO**

No decorrer do curso foi trabalhado concepções de alfabetização e letramento, onde as cursistas tiveram contato com textos de vários autores que problematizaram os significados de tais processos presentes na construção da leitura e da escrita; conforme atividade um extraída da Interdisciplina de Fundamentos da Alfabetização.

Após a nossa primeira aula presencial, na qual vivenciamos e discutimos sobre como se sente o analfabeto ao aprender a ler e a escrever, propomos nossa primeira Unidade de Estudo, uma análise e aprofundamento teórico sobre os temas LETRAMENTO E ALFABETIZAÇÃO. Para tanto, desejamos, inicialmente, que você reflita e produza um texto a respeito dessas duas questões. (08/2009).

Pôde-se observar que a prática das alunas foi problematizada, a partir da fundamentação teórica oferecida. A aluna-professora sentiu-se motivada a refletir sobre sua prática e buscar novas aprendizagens, conforme postagem no Fórum da Interdisciplina de Fundamentos da Alfabetização:

Olá, colegas! Sou aluna da primeira turma do Pead, sempre trabalhei com alfabetização, mas estou ansiosa para aprender coisas novas, porque alfabetizar é uma tarefa muito difícil e exige muito de nós e cada ano que passa há desafios novos. Mas apesar de tudo acho um trabalho muito gratificante. (27/04/2007).

Somando as descobertas oportunizadas pelas interdisciplinas do PEAD, que conjugam teoria e prática concomitantemente e as reflexões realizadas, a aluna professora passou a desenvolver trabalhos visando mudanças na prática de alfabetização e no processo de aquisição do conhecimento pelo aluno. Identifica-se essa resignificação a partir do que a mesma respondeu ao ser questionada a respeito da forma de dar aula atualmente:

Disponibilizo todo e qualquer tipo de material para que o aluno tenha contato; antes eu dava somente materiais que se referiam a letra que eu estava trabalhando; os cartazes eram feitos por mim, hoje eles que constroem os cartazes ou participam da construção desses materiais; antes para formar frases, produzir textos eles só faziam depois de alfabetizados, hoje eles produzem alguns textos mesmo sem dominar a leitura e a escrita. (06/2009).

Observa-se certa clareza conceitual em relação a como se dá a construção do conhecimento, na importância da interação entre sujeito e objeto e entre sujeito e sujeito e, certa informação a respeito da Epistemologia Genética, fato este comprovado na postagem do

Portfólio de Aprendizagem, da interdisciplina de Desenvolvimento e Aprendizagem sob o Enfoque da Psicologia II, com o título de Epistemologia:

No trabalho realizado em Psicologia sobre epistemologia genética pude identificar com qual modelo pedagógico e epistemológico minha prática escolar mais se aproxima porque procuro continuar o processo de leitura e escrita partindo do conhecimento prévio trazido pelo aluno, proporcionando a eles contato com vários tipos de textos ilustrados, desenhos, palavras e jogos e a interação entre sujeito e objeto. Também procuro provocar conflitos cognitivos levando meus alunos a pensar, selecionar, optar e conferir suas escolhas refazendo-as se necessário. Procuro oferecer condições para que eles tornem-se agentes do processo ensino-aprendizagem, direcionando-os, questionando-os, permitindo e exigindo ações. De acordo com a leitura do texto, identifico meu trabalho como a epistemologia relacional, por acreditar que o aluno não é uma tábua rasa e sim um ser que traz consigo bagagens que servem para desenvolver a construção de novos conhecimentos. (06/2009).

Dentro dessa perspectiva, o sujeito é visto como um indivíduo que traz conhecimentos decorrentes de suas estruturas cognitivas e de suas aprendizagens e experiências vividas, assim como também os recebe do meio ambiente. É nessa interação que os conhecimentos ou aprendizagens são construídos.

### **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Este trabalho teve por objetivo, verificar o quanto a oferta de atualização profissional oferecida pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, através do Curso de Licenciatura em Pedagogia na modalidade a distância tem contribuído nas mudanças ou permanências das práticas pedagógicas de uma aluna-professora alfabetizadora.

Neste espaço reuniram-se os principais dados verificados nesta pesquisa, conforme os níveis de análise propostos. Por se tratar de uma investigação qualitativa, os dados seguem uma sequência temporal de acontecimentos. As considerações aqui trazidas respondem a questão inicial desta investigação que se traduz na seguinte questão: Que mudanças a formação continuada do PEAD contribuiu para ressignificar a prática alfabetizadora de uma aluna-professora?

De acordo com os dados, constata-se que a aluna-professora, na sua forma de trabalhar antes do PEAD, não tinha a preocupação de envolver a apropriação da escrita com o uso desta em experiências reais de leitura e escrita. A prática de alfabetização era única e

exclusivamente voltada para a decodificação de símbolos (relação grafema-fonema). Em relação a planejamento, currículo e aprendizagem, do ponto de vista teórico-conceitual, havia uma falta de compreensão destes temas, o que permitia que somente sua experiência fosse a base para a sua prática docente, desprovida de qualquer reflexão teórica. Nota-se uma preocupação da aluna-professora com os diferentes níveis de conhecimento em que se encontravam os alunos, porém não tinha condições de identificar tais necessidades e muito menos trabalhá-las separadamente. Nestas condições, na tentativa de entender por que alguns alunos aprendiam e outros não, ou mesmo por que alguns alunos aprendiam mais rápidos e com maior facilidade que outros é que ela buscou o aperfeiçoamento profissional.

Através de sua atuação no curso de PEAD, nota-se uma diferenciação na sua prática de alfabetizar atual no que se refere à compreensão de como a criança aprende. Ela demonstra certo conhecimento sobre os níveis psicogenéticos e procura realizar um trabalho voltado a eles, o que se configura num crescimento conceitual sobre a construção do conhecimento, pois ela respeita o “movimento” da turma. Porém, em relação ao planejamento, a aluna-professora ainda usa sua experiência como principal fonte. Ela não segue uma sequência planejada de assuntos, o plano de estudos ainda não se configura como um grande aliado da sua prática, o que poderia proporcionar uma interdisciplinaridade natural que facilitaria a leitura de mundo de seus alunos. É necessário pensar que tal clareza em relação à planejamento, recursos, procedimentos ou métodos alternativos está sendo construída no decorrer do curso.

É importante destacar que a prática da aluna foi problematizada, a partir da fundamentação teórica oferecida no curso, aliada à necessidade de aplicar os novos conhecimentos na própria turma para dar conta de suas tarefas enquanto aluna universitária, o que estimulou a reflexão e a busca de novas aprendizagens para dar conta do processo de alfabetização, agora conjugado com o processo de letramento, fato esse que se caracteriza como uma mudança de concepção da aluna-professora sobre a alfabetização.

Este é um trabalho que se dá por encerrado apenas no momento, pois as verificações trazidas aqui darão origem a outras, como, por exemplo, a alfabetização tecnológica da aluna em questão, a sua visão de mundo ressignificada a partir da dinâmica social e da rede de relações construídas a partir das novas Tecnologias de Informação e Comunicação. Desejo



que, cada vez mais, surjam espaços de qualificação profissional para professores em serviço, espaços comprometidos e empenhados em contribuir para a uma formação continuada de qualidade dos professores brasileiros.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRAFICAS**

BAMPI, Maria Alice Moreira, **O Método Clínico Experimental de Jean Piaget como Referência para o Conhecimento do Pensamento Infantil na Avaliação Psicopedagógica**. Programa de Pós Graduação da Universidade do Sul de Santa Catarina - UNISUL, 2006, Dissertação. Disponível em: <http://www.pedagogiaemfoco.pro.br/edinf02.htm>

CAMPOMAR, Marcos Cortez, **Do uso de "Estudo de Caso" em pesquisa para dissertações e teses em administração**. Acesso em outubro de 2009. Disponível em: <http://www.fearp.usp.br/fava/pdf/Campomar.pdf>

CARVALHO, Mari Jane Soares de; MENEZES, Crediné da Silva de. **Arquiteturas Pedagógicas para a Educação a Distância**. Acesso em outubro de 2009. Disponível em : [http://vipzprofes.pbworks.com/f/arquiteturas\\_pedagogicas\\_sbie2005.pdf](http://vipzprofes.pbworks.com/f/arquiteturas_pedagogicas_sbie2005.pdf)

ESCOLA ESTADUAL DE ENSINO FUNDAMENTAL ALMEIDA JÚNIOR. **Projeto Político Pedagógico**. Saporanga, 2008.

FERRAÇO, Carlos Eduardo. **Possibilidades para entender o currículo escolar**. Pátio. Pátio, p.9/Fev/Abr,2006

FERREIRO, Emília Ferreiro; TEBEROSKY, Ana. **Psicogênese da Língua Escrita**. Porto Alegre: Artmed, 1999.

MOREIRA, Marco Antônio. **Aprendizagem Significativa. A Teoria de David Ausubel**. São Paulo: Editora Moraes LTDA, 1982.

RAMOZZI-CHIAROTTINO, **Psicologia e Epistemologia Genética de Jean Piaget**. São Paulo: EPU, 1988

ZIEDE, **A Construção da Função dos Tutores no Âmbito do Curso de Graduação em Pedagogia- Licenciatura na Modalidade a Distância da Faculdade de Educação - Universidade Federal do Rio Grande do Sul**. Programa de Pós Graduação em Educação/ Universidade Federal do Rio Grande do Sul ,2008, Dissertação.

UFRGS. **Curso de Graduação em Pedagogia-Licenciatura, Modalidade a Distância.** Porto Alegre, 2006. Disponível em: <http://pead.faced.ufrgs.br/sites/publico/pead-informacoes>.

UFRGS. **Plano de Ensino 2009/2. Disciplina EDUAD-037- Linguagem e Educação.** Porto Alegre, 2009.

UNISINOS, **Normas Técnicas da ABNT.** São Leopoldo, 2007. Disponível em [http://www.unisinos.br/biblioteca/images/stories/downloads/normas\\_abnt\\_2007.pdf](http://www.unisinos.br/biblioteca/images/stories/downloads/normas_abnt_2007.pdf)